

# Educação Física na Cavalaria

Consultando-nos sobre a "difícil tarefa de conciliação das sessões de educação física na cavalaria, com o tempo", propõe o nosso distinto camarada Ten. Júlio Prates, em face do eterno dilema militar, escassez de tempo e excesso de trabalho físico, considerando a equitação "uma cultura física integral e das melhores", a redução para 20 a 25 minutos da sessão diária de educação física no primeiro período, e para duas sessões por semana no segundo.

Após uma série de comentários sobre o problema "homem", na cavalaria, onde o soldado, além de infante, deve ser um cavaleiro, onde, no curto período de 12 a 18 meses, devemos transformar o amarelento recruta, que, como bem diz, "cabe Deus o deplorável estado fisiológico em que ingressou nas fileiras", no soldado ágil, forte, são, capaz de suportar todas as agruras de uma campanha, — conclue o Ten. Prates pela desnecessidade do "cavalariano" atleta, o que só poderá prejudicar a sua qualidade de cavaleiro.

Mostrando a analogia dos flexionamentos a cavalo, recomendados pelos mestres da nobre arte, como indispensável à consecução do perfeito sistema cavalo-cavaleiro, com os da educação física, conclue o nosso camarada pela possibilidade da substituição da educação física pela equitação, como meio de apressar a formação do verdadeiro cavalariano.

Em princípio, pedimos permissão para discordar do distinto camarada de sua suposição de que a educação física é constituída de flexionamentos. Estes guardam, para aquela, relação ainda muito menor do que na nobre arte de cavalgar.

Simplees movimentos preparatórios na lição de educação física, aos quais são reservados unicamente 2/10 da duração total da sessão, com o único objetivo do preparo do organismo ao trabalho por excelência que vai ser realizado na lição, e ainda mais — com efeitos localizados nas articulações em que agem e aos músculos que as comandam, sem objetivo de ação sobre as grandes funções — não podem, por si sós, constituir um método de trabalho útil.

Elemento de trabalho útil a todo método de educação física, tendo por objetivo efeitos localizados e corretivos, é no entanto imprescindível para a obtenção da flexibilidade, coordenação e independência de contrações musculares, aumento de capacidade vital, qualidades requeridas em grande escala ao bom cavalariano.

Assim como não podemos concordar com uma educação física de flexionamentos, somos obrigados também a discordar do emprego da equitação em sua substituição. Esta, como aquela, também é uma parte da mesma. Muito mais desenvolvida que a primeira, como desporto em que o seu emprego deve ser o coroamento de uma educação física adrede preparada, afim de que possam os homens, com mais desembaraço e resistência, suportá-la.

Praticá-la, sem prepararmos-nos previamente para isto, seria o mesmo que competirmos sem um treinamento preparatório físico adequado, embora com preparo técnico: seria análogo a, na lição de educação física, exigirmos dos homens um trabalho de selecionados a uma tropa de poupados, isto é, de homens física e fisiologicamente deficientes para esse trabalho.

Como todo desporto, deve ser a equitação o coroamento de uma educação física racional, bem orientada. Si não é exigir de mais, colocando-nos dentro do ponto de vista restrito "homem em seu valor e possibilidades", a equitação só deve ser acessível, aos fisicamente fortes, são, viris, destros, flexíveis, ou melhor, àqueles que foram selecionados na educação física militar.

O trabalho de equitação é uma especialização e, como tal, exige um trabalho físico preparatório conciente.

Como todo desporto, não é nem pode ser completa; pois, segundo os técnicos, mesmo a natação, considerada o desporto completo, é deficiente para a obtenção dos fins da educação física, pela anormalidade respiratória.

A equitação, congestionante dos músculos do abdômen, máxime no trabalho sem estribo, base da consecução do assento do homem, exige um complemento para a correção dessa deficiência, que só pode ser obtida pela educação física.

O objetivo principal da educação física é o desenvolvimento harmônico do organismo; a equitação do soldado tem por objetivo conduzir o cavalo; e mesmo com fim desportivo, seria deficiente para a consecução do objetivo máximo da vida, sempre exigindo o trabalho coordenado da educação física, como em qualquer outro desporto.

Os nossos regulamentos mui sábiamente determinam que os homens para a Cavalaria e Artilharia devem ser escolhidos dentre os mais fortes.

Entretanto, é bem diverso o que se nos apresenta na prática.

Homens fracos, sem qualquer educação do corpo, muitas vezes fisiologicamente incapazes para suas funções, temos que transformá-los em soldados na acepção da palavra. Ninguém desconhece a intensidade de trabalho físico que somos forçados a exigir dos recrutas. Todos sabemos que não é possível fazer prevalecer o elemento "homem" sobre o soldado, sem que o objetivo militar, restrito pelo exiguo prazo do serviço, seja prejudicado, ou melhor, anulado. De outro lado, não devemos em absoluto desprezar totalmente aquele em benefício deste, se não quisermos nos transformar em verdadeiros carrascos da sociedade, restituindo-lhe os homens que nos foram confiados — em estado físico deplorável.

Não temos o direito de arruinar a pouca saúde daqueles que nos são entregues para o manejo das armas, como também não podemos prejudicar a instrução, sem trair o nosso objetivo; daí, a contingência de sermos obrigados a atacar o problema dos dois lados — a formação do homem e a formação do soldado.

Os regulamentos franceses, orientadores de todo nosso trabalho, exigem que todo trabalho físico do soldado obedeça à mesma orientação da educação física e parece-nos ser esta a tendência do nosso Estado-Maior. Evidentemente, sendo normalmente o recruta um homem fraco, é necessária a predominância absoluta da instrução física no primeiro período de instrução, servindo mesmo de base à organização dos programas semanais até que todos os homens fiquem em condições de, sem sacrifício, suportar a intensificação da instrução militar.

Compete ao Comando zelar pela saúde de seus homens, fazendo a dosagem inteligente do esforço exigido nos programas, o que só é possível fazer-se ante cada caso particular.

A educação física divide todos os homens por classes, segundo seu valor fisiológico. E' justo desprezarmos esses valores fisiológicos nos demais trabalhos físicos da caserna?

Não podemos assim prescindir da educação física no preparo de nossos homens, e, conquanto reconhecendo, como bem diz o nosso camarada Ten. Prates, na equitação uma aplicação física de rara excelência, somos obrigados a discordar em tese de sua proposição. Que a equitação do soldado deva colaborar como "meio de tornar o cavaleiro um homem forte, são e ágil", estamos de acordo. E por isso mesmo, ela exige como complemento imprescindível, a educação física, mesmo sendo ministrada com a orientação desportiva, isto é, obedecendo aos preceitos de um método, como aliás julgamos ser indispensável, à sua prática em nosso meio.

Quanto à redução do tempo de instrução para vinte minutos ou vinte e cinco minutos, como propõe o nosso consuinte, somente o instrutor, com o conhecimento detalhado das possibilidades dos homens, e de acordo com o seu agrupamento, poderá regular a questão, mas, mesmo assim, nunca inferior a trinta minutos.

TEN. BENJAMIN M. COSTA